



TIPOS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E SUAS RAMIFICAÇÕES NA SAÚDE FEMININA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Laura Coura Nardy¹, Derick Sander Moreira Diniz², Jaqueline Carrara Folly Valente³, Zilma Nunes de Melo⁴, Isadora Pessatto⁵, Vitória Batista Gonçalves de Souza⁶, Marília Sousa dos Reis⁷, Jorlane da Silva Reis⁸, Mariana Pinheiro de Oliveira⁹, Iann Barcellos Cordeiro Henriques¹⁰

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

INTRODUÇÃO: A violência obstétrica é definida como a prática de condutas prejudiciais contra mulheres durante o cuidado da sua saúde sexual e reprodutiva, podendo ser perpetrada por profissionais de saúde ou outros envolvidos no acompanhamento durante o período gestacional e pós-parto. **OBJETIVO:** Reunir as principais produções que evidenciam situações de violência obstétrica, destacando os maus-tratos e a falta de garantia de acesso aos direitos de saúde das parturientes no sistema de saúde brasileiro, bem como seus impactos na saúde da mulher. **METODOLOGIA:** A metodologia utilizada nesta pesquisa envolveu a busca e análise de dados em diversas bases disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), como o MEDLINE, LILACS e a Base de Dados de Enfermagem (BDENF), focando especificamente em estudos relacionados à violência obstétrica e suas implicações na saúde das mulheres no contexto brasileiro. Para isso, foram empregados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), combinados com o operador booleano AND, usando termos como (Violência Obstétrica) AND (Saúde Feminina) AND (Brasil). **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A violência obstétrica representa um sério desafio à saúde pública, uma vez que muitas mulheres não estão cientes das práticas abusivas, e seus corpos são desrespeitados por indivíduos autodenominados detentores de conhecimento, agravando as dinâmicas de poder, especialmente no contexto das mulheres negras, que continuam a ser subestimadas pelo sistema de saúde. **CONCLUSÃO:** Ao analisar os estudos selecionados, fica evidente que a violência obstétrica é uma realidade que afeta muitas mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal, resultando em danos físicos, emocionais e psicológicos profundos. A diversidade de tipos de violência obstétrica identificados, juntamente com suas implicações na saúde das mulheres, destaca a complexidade desse fenômeno e a necessidade de intervenções abrangentes e centradas na mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Tipos de violência obstétrica, Ramificações na saúde feminina, Contexto brasileiro.



TYPES OF OBSTETRIC VIOLENCE AND THEIR RAMIFICATIONS IN WOMEN'S HEALTH IN THE BRAZILIAN CONTEXT

ABSTRACT

INTRODUCTION: Obstetric violence is defined as the practice of harmful conduct against women during the care of their sexual and reproductive health, which can be perpetrated by healthcare professionals or others involved in monitoring during the gestational and postpartum periods. **OBJECTIVE:** To gather the main productions that evidence situations of obstetric violence, highlighting mistreatment and the lack of guarantee of access to the health rights of parturients in the Brazilian healthcare system, as well as its impacts on women's health. **METHODOLOGY:** The methodology used in this research involved searching and analyzing data in various databases available in the Virtual Health Library (VHL), such as MEDLINE, LILACS, and the Nursing Database (BDENF), focusing specifically on studies related to obstetric violence and its implications for women's health in the Brazilian context. For this, Health Sciences Descriptors (DeCS) were employed, combined with the Boolean operator AND, using terms such as (Obstetric Violence) AND (Women's Health) AND (Brazil). **RESULTS AND DISCUSSION:** Obstetric violence represents a serious challenge to public health, as many women are not aware of abusive practices, and their bodies are disrespected by self-proclaimed holders of knowledge, exacerbating power dynamics, especially in the context of black women, who continue to be underestimated by the healthcare system. **CONCLUSION:** By analyzing the selected studies, it is evident that obstetric violence is a reality that affects many women during the gestational-puerperal cycle, resulting in deep physical, emotional, and psychological damage. The diversity of types of obstetric violence identified, along with their implications for women's health, highlights the complexity of this phenomenon and the need for comprehensive and woman-centered interventions.

KEYWORDS: Types of obstetric violence, Ramifications in women's health, Brazilian context.

Instituição afiliada – ¹Graduanda em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba. ²Graduando em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais- Betim, Minas Gerais. ³Centro Universitário de Viçosa - Viçosa – MG. ⁴Universidade Estadual do Ceará (UECE)- Fortaleza -Ceará. ⁵ Centro Universitário de Pato Branco - UNIDEP, Pato Branco, Paraná. ⁶ Universidade Geral do Amazonas Manaus, Amazonas. ⁷Centro Universitário Inta – UNINTA, Sobral, Ceará. ⁸Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, São Paulo. ⁹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. ¹⁰ Médico, graduado pela Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga.

Dados da publicação: Artigo recebido em 02 de Janeiro e publicado em 12 de Fevereiro de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n2p1093-1107>

Autor correspondente: Laura Coura Nardy cnardyds@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A violência obstétrica é vista como um evento de grande complexidade dentro do contexto da Saúde da Mulher. Para evitá-la, é necessário promover alterações nas abordagens de cuidado durante o período de gravidez e pós-parto, visando diminuir procedimentos médicos que não são essenciais e que podem causar danos à saúde física e emocional das mulheres (Carlos GA *et al.*, 2019).

A violência obstétrica é definida como a prática de condutas prejudiciais contra mulheres durante o cuidado da sua saúde sexual e reprodutiva, podendo ser perpetrada por profissionais de saúde ou outros envolvidos no acompanhamento durante o período gestacional e pós-parto (CIELLO C, *et al.*, 2012).

Ela engloba qualquer ação por parte do pessoal médico que resulte em tratamento desumano, intervenções abusivas, excesso de intervenções médicas ou patologização indevida de processos fisiológicos relacionados ao parto (JUÁREZ DYO, 2012; ANDRADE BP e AGGIO CM, 2014).

Estudos destacam que a violência obstétrica afeta também mulheres com histórico de aborto. No cuidado durante esse procedimento, é fundamental que os serviços de saúde ofereçam acolhimento, informações, orientações e apoio emocional adequados. No entanto, apesar da existência de políticas públicas que preconizam um atendimento humanizado e imparcial às mulheres durante o processo de abortamento no Sistema Único de Saúde (SUS), muitas vezes a assistência prestada não atende às suas necessidades (Madeiro AP, Rufino AC, 2017).

Em 2014, a Organização Mundial da Saúde (OMS) identificou a violência obstétrica como uma preocupação de saúde pública, reconhecendo os abusos, desrespeitos e



maus-tratos como violações dos direitos humanos. O relatório também destaca que mulheres solteiras, adolescentes, de baixa renda, migrantes e pertencentes a minorias étnicas estão em maior risco de sofrerem tais abusos, desrespeitos e maus-tratos.

A violência obstétrica pode causar danos significativos às mães, que ponderar cuidadosamente sobre a possibilidade de terem outro filho, uma vez que um momento tão especial pode ser marcado por muitas tristezas, transformando uma ocasião importante em uma experiência traumática na vida de muitas mulheres (COSTA, 2020).

Diante dessa realidade, é crucial debater os diferentes tipos de violência obstétrica ocorridos no Brasil e seus impactos nos aspectos físicos e psicológicos da saúde da mulher. Isso visa fortalecer a disseminação de informações para a comunidade em geral, alcançando potenciais vítimas e encorajando-as a se tornarem agentes de mudança e/ou denunciantes desses atos de violência.

Assim, este estudo propõe, por meio de uma revisão da literatura científica, reunir as principais produções que evidenciam situações de violência obstétrica, destacando os maus-tratos e a falta de garantia de acesso aos direitos de saúde das parturientes no sistema de saúde brasileiro, bem como seus impactos na saúde da mulher.

METODOLOGIA

Este estudo buscou realizar uma revisão integrativa da literatura, utilizando métodos para sintetizar os resultados de estudos relacionados aos tipos de violência obstétrica e suas ramificações na saúde feminina no contexto brasileiro.

Foi adotada a estratégia PICO (Quadro 1), aplicada à revisão integrativa da literatura sobre a saúde da mulher.

Quadro 1: Aplicação da estratégia PICO para a Revisão Integrativa da Literatura sobre tipos de violência obstétrica e suas ramificações na saúde feminina no contexto brasileiro.

Quadro 1



TIPOS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E SUAS RAMIFICAÇÕES NA SAÚDE FEMININA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Nardy *et. al.*, 2024

Acrônimo	Definição	Aplicação
P	População	Mulheres
I	Interesse	Tipos de violência obstétrica e suas consequências na saúde feminina
Co	Contexto	Brasil

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

A metodologia utilizada nesta pesquisa envolveu a busca e análise de dados em diversas bases disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), como o MEDLINE, LILACS e a Base de Dados de Enfermagem (BDENF), focando especificamente em estudos relacionados à violência obstétrica e suas implicações na saúde das mulheres no contexto brasileiro. Para isso, foram empregados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), combinados com o operador booleano AND, usando termos como (Violência Obstétrica) AND (Saúde Feminina) AND (Brasil), resultando em um total de 89 trabalhos.

Crerios de inclusão foram estabelecidos para selecionar artigos completos publicados nos últimos dez anos (2014-2023), escritos em inglês, português ou espanhol. Após uma análise minuciosa dos títulos e resumos, seguida pela leitura completa dos artigos elegíveis, foram excluídos aqueles que não atendiam aos objetivos do estudo, bem como teses e trabalhos duplicados. Como resultado, foram escolhidos 10 artigos para integrar a amostra bibliográfica desta revisão.

O estudo apresenta uma análise detalhada dos diversos aspectos da violência obstétrica e suas consequências na saúde das mulheres no Brasil. Não foi necessário submeter este trabalho ao Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que não envolveu pesquisa clínica com animais ou seres humanos. Todas as informações foram obtidas de



fontes secundárias e de domínio público, sendo necessário citar adequadamente a literatura utilizada, evitando confundir resultados com procedimentos.

No caso de trabalhos originais ou relatos de casos que envolvam pesquisa com seres humanos, é imprescindível seguir as normas éticas vigentes e informar o número de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) na metodologia. Para análise de dados secundários sem identificação de indivíduos, a obtenção de parecer ético torna-se opcional.

RESULTADOS

CÓDIGO	TÍTULO	AUTOR/ANO	PERIÓDICO	RESULTADOS
B1	Violência obstétrica no Brasil: apropriação do corpo feminino e violação de direitos, revisão integrativa de literatura	SANTOS, Juliana Eduardo dos et al.2023	Rev. Pesqui.(Univ. Fed. Estado Rio J., Online)	TAs transformações ocorridas no cenário do parto acentuaram as práticas de violência, uma vez que, o parto passou de um momento tranquilo e particular, para um evento hospitalar sujeito à intervenção e instrumentação. Os temas que emergiram apontam para a vivência de mulheres e profissionais, e retratam o cotidiano de mulheres durante o ciclo gravídico puerperal
B2	Relação entre iniquidade racial e violência obstétrica no parto	ALVES, Guilherme et al. 2023	Rev. Cient. Esc. Estadual Saúde Pública de Goiás Cândido Santiago	Pode-se determinar um cuidado menos satisfatório para as mulheres negras quando comparado com as brancas para a maioria dos indicadores avaliados neste estudo. Mulheres pretas e pardas têm maior chance de sofrerem manobra de Kristeller, amniotomia precoce, privação alimentar no trabalho de parto, clampeamento imediato do cordão umbilical e menor chance de contato pele



TIPOS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E SUAS RAMIFICAÇÕES NA SAÚDE FEMININA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Nardy *et. al.*, 2024

				a pele e de ser ofertado métodos não farmacológicos para o alívio da dor.
B3	Entendendo a opinião dos médicos sobre a violência obstétrica no Brasil para melhorar o atendimento à mulher	LORETO <i>et al.</i> , 2023	Midwifery,	No presente estudo, os médicos residentes em ginecologia e obstetrícia concordam que os VO caracterizam tratamento desrespeitoso e maus-tratos à mulher durante o trabalho de parto ou parto. Por outro lado, encontramos a maioria dos médicos especialistas que discordam desta afirmação. Encontrou-se opinião diferente entre especialistas e residentes: os especialistas preferem não utilizar a expressão OV, concordando com a abolição do seu uso nos níveis científico, profissional e social.
B4	Desrespeitos e abusos, maus tratos e violência obstétrica: um desafio para a epidemiologia e a saúde pública no Brasil	LEITE, Tatiana Henriques <i>et al.</i> , 2022	Ciênc. Saúde Colet. (Impr.)	O primeiro problema abordado foi a falta de consenso em relação à terminologia e definição desse construto. Essa situação provoca um efeito em cascata, com a utilização de instrumentos de aferição não validados que implicam falta de precisão e comparabilidade entre os estudos.
B5	Abuso, desrespeito e maltrato na assistência ao parto: contribuição das Coortes de Ribeirão Preto, Brasil	DORNELAS, Adélia Cristina Vieira de Rezende <i>et al.</i>	<i>Ciênc. Saúde Colet. (Impr.)</i>	Utilizou-se o teste qui-quadrado para comparar as situações apresentadas entre as mulheres que relataram ou não maltrato. A análise foi realizada por meio do programa Stata 14. Das 745 mulheres avaliadas, 66,2% foram expostas a alguma situação de ADM e 8,3% referiram ter percebido ADM. As situações



TIPOS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E SUAS RAMIFICAÇÕES NA SAÚDE FEMININA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Nardy et. al., 2024

				mais frequentes foram: 30,5% não puderam comer nem beber nada; 27,5% tiveram sua barriga apertada para ajudar a criança a nascer; e 25,5% não puderam ficar com acompanhante de sua escolha
B6	Atenção ao parto e nascimento em maternidades do Norte e Nordeste brasileiros: percepção de avaliadores da Rede Cegonha.	LAMY, Zeni Carvalho et al. 2021	Cien Saude Colet	Desafios para o enfrentamento da Violência Obstétrica; e Potencial do processo avaliativo na indução de mudanças. Foram identificados avanços na implantação de boas práticas na gestão do cuidado e atenção à saúde, embora algumas maternidades ainda reproduzem um modelo hierárquico, sem espaços colegiados de gestão e com práticas de violência obstétrica.
B7	Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto	NASCIMENTO, Samilla Leal do et al. 2019	Enferm. actual Costa Rica (Online)	Os resultados apontam que a maioria das entrevistadas desconhece o termo violência obstétrica. As demais relataram situações de violência verbal e não verbal, submissão a procedimentos invasivos não consentidos e lacunas na assistência durante o trabalho de parto.
B8	Alternativas que contribuem para a redução da violência obstétrica	MARQUES et al., 2019.	Ciênc. Saúde Colet. (Impr.)	Para que esta compreensão por parte dos profissionais seja possível, a utilização de instrumentos que mensuram as expectativas, o conhecimento e, por último, a satisfação com o parto é uma outra alternativa complementar à compreensão da gestante como um todo.
B9	Vivências de violência obstétrica	DE OLIVEIRA, Maria do Socorro Santos	ABCS health sci	É de suma importância que essas mulheres expressem a sua opinião, experiências e



TIPOS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E SUAS RAMIFICAÇÕES NA SAÚDE FEMININA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Nardy *et. al.*, 2024

	experimentadas por parturientes	et al. 2019		sentimentos sobre essa internação e o momento do parto.
B10	Violência no trabalho em obstetrícia hospitalar	SOUSA, Luana Silva de et al.2018	Rev. enferm. UFPE on line	Constituiu-se a amostra de 11 artigos, a maioria de origem australiana. Os principais tipos de violência no trabalho em obstetrícia foram abuso verbal, intimidação, humilhação e assédio moral; relacionados a trabalhadores com nível elevado de afetividade negativa; colegas de trabalho mais velhos e/ou hierarquicamente superiores; plantão diurno; pacientes e/ou acompanhantes sob estresse ou com transtorno mental; ambientes sobrecarregados/escassez de pessoal; as consequências incluíram os âmbitos pessoal, profissional e organizacional; e as estratégias gerenciais envolveram relatórios de incidentes, diálogos com colegas/familiares, protocolos de segurança, educação permanente.

Fonte: Autores, 2024.

Segundo Santos *et al.* (2023), a violência obstétrica representa um sério desafio à saúde pública, uma vez que muitas mulheres não estão cientes das práticas abusivas, e seus corpos são desrespeitados por indivíduos autodenominados detentores de conhecimento, agravando as dinâmicas de poder, especialmente no contexto das mulheres negras, que continuam a ser subestimadas pelo sistema de saúde.

Conforme evidenciado por Alves *et al.* (2023), os resultados deste estudo apontam que a raça/cor do corpo pode influenciar no tratamento recebido pelas mulheres dentro das instituições de saúde. O racismo institucional, com os próprios profissionais de saúde frequentemente atuando como agentes, emerge como uma das manifestações mais



comuns da desigualdade racial. Esse fenômeno é resultado de uma dinâmica de poder enraizada no processo histórico de colonização e escravização, sustentada por ideologias racistas que moldam a sociedade e seu imaginário, sendo reproduzidas na prestação de assistência e no acesso aos serviços de saúde.

De acordo com Loreto, dos Santos e Nomura (2022), muitas intervenções obstétricas associadas à violência obstétrica não são reconhecidas pelos profissionais de saúde como práticas de desrespeito e abuso. Os médicos podem não perceber que estão envolvidos em práticas violentas, e em algumas situações, podem ignorar a escolha do procedimento de parto da mulher se considerarem que isso representa um risco para o feto. A falta de formação adequada dos profissionais de saúde para reconhecer a importância dos cuidados obstétricos centrados na mulher pode ser a causa da perpetuação da violência obstétrica.

Conforme destacado por Leite *et al.* (2022), há uma lacuna significativa na pesquisa epidemiológica sobre violência obstétrica, representando um desafio para a saúde pública no Brasil. A falta de consenso terminológico e definições claras nessas áreas resulta em dificuldades na estimativa precisa da prevalência desses fenômenos, bem como na comparação entre diferentes estudos e países. Além disso, a escassez de análises analíticas sobre os impactos negativos dessas formas de violência para a saúde e o bem-estar das mulheres e dos recém-nascidos é evidente.

Dornelas *et al.* (2022), destaca a elevada incidência de mulheres expostas a situações de abuso, desrespeito e maus-tratos durante o cuidado no parto entre os participantes das duas coortes de acompanhamento em Ribeirão Preto permanece como uma preocupação, assim como a falta de reconhecimento dessa realidade. Estratégias que envolvem o treinamento dos profissionais de saúde em diferentes níveis de formação, intervenções para fortalecer a autonomia das mulheres e de suas famílias, além de medidas de visualização e responsabilização, têm sido apontadas como as mais eficazes.



Lamy *et al.* (2021), relata que é crucial que as ações eficazes comecem desde o pré-natal, na atenção primária, visando capacitar as mulheres para que conheçam e defendam seus direitos com maior assertividade. As equipes de atenção primária desempenham um papel crucial ao promover o empoderamento e a autonomia das mulheres por meio de iniciativas educacionais em saúde.

Para promover uma mudança significativa no cenário obstétrico nacional, é necessário investir na atualização dos profissionais de saúde e na formação acadêmica, visando oferecer um atendimento mais humanizado, respeitoso, digno e de qualidade às mulheres. Ademais, é essencial fornecer educação em saúde de qualidade durante o pré-natal, utilizando diversas estratégias, como consultas individuais, atividades educativas em salas de espera e sessões em grupo. É crucial que as mulheres recebam informações abrangentes sobre a violência obstétrica durante a gestação, capacitando-as para se tornarem protagonistas de seus partos e para que possam fazer escolhas informadas ao acessarem os serviços de saúde materna. (Nascimento *et al.*, 2019).

Uma abordagem inovadora para abordar a questão da violência obstétrica é a criação de ferramentas específicas para avaliar as expectativas das gestantes. Compreender as expectativas individuais das gestantes é crucial, considerando que cada mulher é única, com sentimentos e dúvidas distintas. Enfrentar o desafio da redução da violência obstétrica é uma prioridade na América Latina, no entanto, o movimento em direção à humanização na atenção à saúde materno-infantil oferece esperança para um novo paradigma (Marques e Nascimento, 2019).

A violência obstétrica continua sendo um assunto pouco discutido entre as mulheres que utilizam os serviços de saúde pública. No entanto, este estudo pode dar voz a essas mulheres, cujas experiências estão repletas de medo e insegurança, e que podem ressoar com tantas outras que enfrentam situações semelhantes diariamente. Foi possível observar também que o parto é frequentemente vivenciado como uma



experiência dolorosa, carente de privacidade e autonomia, onde a mulher perde o protagonismo e se vê envolta em momentos de angústia e intenso sofrimento. Isso reforça a necessidade premente de uma assistência humanizada e qualificada para essas mulheres durante esse momento tão delicado e importante de suas vidas (De Oliveira *et al.*, 2019).

O estudo de Sousa *et al.* (2018) examinou a violência no ambiente de trabalho em obstetrícia hospitalar, identificando a agressão psicológica como o tipo mais comum, afetando alunos/estagiários e enfermeiras. Os principais fatores contribuintes incluem a personalidade do perpetrador e ambientes estressantes. A maioria dos perpetradores é médica, ocupando cargos gerenciais, mas também pode incluir pacientes e familiares. As vítimas enfrentam dificuldades de enfrentamento, retaliação, desmotivação e outros efeitos negativos. Estratégias propostas incluem sistemas de relatórios, treinamento e sensibilização dos profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão integrativa da literatura sobre violência obstétrica e suas ramificações na saúde feminina no contexto brasileiro oferece uma visão abrangente e crítica sobre um problema de saúde pública significativo. Ao analisar os estudos selecionados, fica evidente que a violência obstétrica é uma realidade que afeta muitas mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal, resultando em danos físicos, emocionais e psicológicos profundos. A diversidade de tipos de violência obstétrica identificados, juntamente com suas implicações na saúde das mulheres, destaca a complexidade desse fenômeno e a necessidade de intervenções abrangentes e centradas na mulher.

A pesquisa também destaca a importância da sensibilização, capacitação e responsabilização dos profissionais de saúde para identificar, prevenir e responder à violência obstétrica de maneira eficaz. Além disso, evidencia a necessidade de políticas públicas e estratégias de saúde que promovam o respeito aos direitos das mulheres e



garantam um ambiente de cuidado seguro e acolhedor durante o parto.

No entanto, é importante reconhecer que esta revisão não esgota completamente o tema da violência obstétrica. Existem lacunas de conhecimento que exigem pesquisas adicionais, especialmente estudos longitudinais que investigam a prevalência, os determinantes e os desfechos da violência obstétrica ao longo do tempo. Ainda assim, esta revisão oferece uma base sólida para orientar futuras pesquisas, políticas e práticas de saúde voltadas para a prevenção e o enfrentamento da violência obstétrica, visando promover a saúde e o bem-estar das mulheres brasileiras durante a gestação e o parto.

REFERÊNCIAS

ALVES, Guilherme et al. Os RELAÇÃO ENTRE INIQUIDADE RACIAL E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO PARTO. REVISTA CIENTÍFICA DA ESCOLA ESTADUAL DE SAÚDE PÚBLICA DE GOIÁS" C NDIDO SANTIAGO", v. 9, p. 1-19 9d3, 2023.

ANDRADE, BP; AGGIO, CM. Violência obstétrica: a dor que cala. Londrina, 2014. UEL.
CIELLO, C. et al. Violência Obstétrica. "Parirás com dor". (Dossiê elaborado pela Rede Parto do Princípio). Senado Federal. Brasília -DF. 2012; 188 p.

DE OLIVEIRA, Maria do Socorro Santos et al. Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes. ABCS Health Sciences, v. 44, n. 2, 2019.

DORNELAS, Adélia Cristina Vieira de Rezende et al. Abuse, disrespect and mistreatment during childbirth care: contribution of the Ribeirão Preto cohorts, Brazil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 535-544, 2022.

JUÁREZ, DYO. Violência sobre las mujeres: herramientas para el trabajo de los equipos comunitarios / Diana Juárez y otras.; edición literaria a cargo de Ángeles Tessio. -1a ed. -Buenos Aires: Ministerio de Salud de la Nación, 2012.



LAMY, Zeni Carvalho et al. Atenção ao parto e nascimento em maternidades do Norte e Nordeste brasileiros: percepção de avaliadores da Rede Cegonha. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 3, p. 951–960, mar. 2021.

LEITE, Tatiana Henriques et al. Desrespeitos e abusos, maus tratos e violência obstétrica: um desafio para a epidemiologia e a saúde pública no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 483-491, 2022.

LORETO, Taís Martins; DOS SANTOS, Jorge Francisco Kuhn; NOMURA, Roseli Mieko Yamamoto. Understanding the opinion of doctors on obstetric violence in Brazil to improve women's care. *Midwifery*, v. 109, p. 103294, 2022.

MADEIRO, AP; RUFINO, AC. Maus-tratos e discriminação na assistência ao aborto provocado: a percepção das mulheres em Teresina, Piauí, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 8, p. 2771–80, 2017.

MARQUES, Gabriela Moreno; NASCIMENTO, Diego Zapelini do. Alternativas que contribuem para a redução da violência obstétrica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, p. 4743-4744, 2019.

NASCIMENTO, Samilla Leal do et al. Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto. *Enfermería Actual de Costa Rica*, n. 37, p. 66-79, 2019.

SANTOS, Juliana Eduardo dos et al. Violência obstétrica no Brasil: apropriação do corpo feminino e violação de direitos, revisão integrativa de literatura. *Revista de Pesquisa (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*, p. e12924-e12924, 2023.

SOUSA, Luana Silva de et al. Violência no trabalho em obstetrícia hospitalar. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, p. 2794-2802, 2018.